

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

O SERTÃO SEM FIM: LINGUAGEM E EXISTÊNCIA EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, DE GUIMARÃES ROSA

CRISTIANE SAMPAIO DE AZEVEDO

RESUMO:

Em Grande sertão: veredas, Riobaldo, personagem e narrador do romance de Guimarães Rosa, está à procura do sertão que não aparece como realidade dada, mas em aberto, enquanto uma busca do próprio homem, do próprio Riobaldo.

Como realidade que não existe de antemão, mas que está em jogo, o sertão se manifesta, também, como vazio, nada, silêncio: como latência. Sendo, assim, o sertão o lugar do inacabado, do sem fim ou do infundável, ele é a todo instante revelação de transformação, de travessia; e uma busca incessante, também, pelo eu que se fragmenta a cada momento, que é tantos, mas que é, ao mesmo tempo, nada.

As primeiras páginas que abrem o *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, trazem mais do que a fala de um sertanejo, jagunço experiente e vivido, que atravessara o sertão guerreando; trazem, sobretudo, a experiência de alguém que não deu por findada sua existência, isto é, de alguém que através de suas palavras revela o aprendizado maior que sua vivência lhe dera: viver é muito perigoso; é arriscado demais, porque ainda não se sabe; não se sabe o que é viver.

Assim, a narrativa que é iniciada anos após as longas jornadas da vida de Riobaldo, e que poderia começar com uma fala rodeada de certezas, definições, inicia-se diante de um abismo, de um nada,

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

de um vazio, a partir da morte de Diadorim, acontecimento que direciona o curso da vida do narrador e personagem Riobaldo; e mais, inicia-se como realidade em suspenso, delicada de se expor, pois a palavra que impõe o ritmo dessa mesma narrativa se perde no não sabido, ou no que, a princípio, não se quer definir, porque o que se deseja é a linguagem na vertigem de sua duração, isto é, a linguagem pertencente ao tempo da poesia e do pensamento.

Essa linguagem que não está presa à mera representação, que deseja se fazer mostrante é linguagem que se dá enquanto aparição, visão de mundo que não vem significar, mas dizer, mostrar o que real em sua latência através de uma visão intuitiva que, por ser guiada pela intuição, é indefinível, desde que se compreenda a linguagem como linguagem, ou seja, como possuidora de um dizer próprio que se faz por si só, gratuitamente, jogando com ela mesma, sem representações habituais e pertencendo, portanto, a um instante.

Na narrativa de Riobaldo se reconhece esse abismo; toda palavra é pouca, fugidia; toda palavra parece fiar-se a uma longa espera. O sertão não é assim tão sabido, tão certo de vez. O sertão se revela, se mostra, originariamente, na duração da fala de Riobaldo. Sua fala é poética porque se dá na incompletude própria da busca poética; porque lhe é reveladora, justamente, na sua forma incomunicável, intuitiva.

Deste modo, Riobaldo narra para compreender algo que lhe escapa a todo instante, que é sem fim, que é sempre outro sendo o mesmo: o sertão.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

A busca pelo sertão se realiza através da tensão de sua narrativa, de fala pausada, realizada, precisamente, na folga que lhe veio em sua existência, ou num tempo oportuno, tempo certo. “Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorseços, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia”. Em seu livro *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein diz que “os problemas filosóficos têm origem quando a linguagem folga¹”. A fala de Riobaldo em sua folga é, por sua vez, uma escuta em sua procura por um interlocutor; sendo, portanto, uma aprendizagem do exercício do que vem a ser um diálogo monólogo, abertura para compreensão e construção não da realidade tal como a entendemos, mas de uma realidade, a realidade poética, que como realidade escapa a todo o momento de definições, porque ela mesma, a poesia, é linguagem que não se petrifica, mas que existe no movimento vital.

À procura de dizer o indizível, faz-se, ao mesmo tempo, a experiência de um “outro”, mas que é ele mesmo: Riobaldo. A busca do outro é a busca infundável da poesia; tão infundável quanto o

¹ WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. 2005, p. 36. “(...) A denominação aparece como uma estranha ligação de uma palavra com um objeto. E uma ligação assim estranha ocorre realmente quando o filósofo, para evidenciar o que seja a relação entre o nome e o denominado, fita um objeto diante de si, enquanto repete um nome inúmeras vezes, ou mesmo a palavra “isso”. É que os problemas filosóficos têm origem quando a linguagem folga. E aí podemos imaginar todavia que denominar é um ato psíquico notável, quase um batismo de um objeto. E assim podemos dizer a palavra “isso” também para o objeto, dirigir-nos a ele com ela- um uso estranho desta palavra que só ocorre ao filosofarmos.”

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

sertão. A linguagem poética é aquela que conduz o homem a realizar o seu outro, as suas múltiplas faces.

Estar na dimensão de ser um outro parece ser, também, para Riobaldo estar na dimensão de um sair de si necessário para se colocar à escuta do infindável em sua finitude existencial, do que não se nomeia de vez: o sertão. Essa escuta é um movimento que se faz para tornar visível, compreensível, o que, na realidade, se mantém infinitamente em latência; mas que, entretanto, é a tarefa do poeta, que torna a linguagem mostrante ao fazer com que a própria linguagem fale resguardando o que se poderia chamar de jogo próprio, de magia ou, quem sabe, mistério.

O poeta revelaria, assim, uma linguagem que, na verdade, ao jogar com ela mesma, revela a condição do homem. Não é Riobaldo quem diz, mostra o que é o sertão, mas é a própria linguagem, a própria poesia que se faz mostrante, que fala por ela mesma. Em *Grande sertão: veredas*, Riobaldo está jogando com a linguagem; está buscando o infindável que é o sertão, deixando que esse mesmo sertão resguarde a sua incomunicabilidade.

O sertão que Riobaldo está à procura não é, desta forma, uma realidade dada de antemão, mas uma realidade em aberto, enquanto busca do próprio homem, do próprio Riobaldo; assim, o sertão aparece para Riobaldo tal como a poesia surge para o poeta, isto é, como reveladora de sua existência. “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar”. Nesse sentido, o sertão se manifesta, também, como vazio,

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

nada, silêncio: como latência. O sertão como o lugar do inacabado, do sem fim ou do infundável, do indivisível, é, por sua vez, revelação de transformação, de travessia, de um “outrar-se” a todo instante; e uma busca, incessante, também, pelo eu, que se fragmenta insistentemente, que é tantos, mas que é, também, nada.

Assim, por exemplo, declara Riobaldo: “De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez aquela eu vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado” (ROSA, 1986, p. 82).

Nesta possibilidade de se deparar com o sertão em sua latência, em sua tensão, Riobaldo se mantém sempre no elemento do jogo, que é a dimensão da linguagem de que, por exemplo, fala Novalis ao comparar a linguagem com as fórmulas matemáticas, que, segundo ele, jogam com elas mesmas, isto é, constroem um mundo com uma linguagem particular, autônoma, a que só a ela lhe pertence.

A poesia é para Novalis uma relação entre fantasia e pensamento e como tal tem a mesma força do signo matemático, isto é, através de sua linguagem autônoma é capaz de fazer ver, pois é capaz de criar um mundo de significados, que apesar de não desejarem comunicar nada objetivamente, são compreendidos pelos que imersos em sua linguagem, ou como queria Novalis, “enfeitados”, podem compreendê-la. Assim como a palavra possui o seu encantamento, isto é, possui a sua força de fazer ver, sentir e ouvir

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

como deseja o poeta, que a move pelo que Novalis chama de fantasia ditatorial (“produtiva”).

Portanto, tal como não se pode explicar a experiência senão vivendo-a, experimentando-a, a linguagem em sua dimensão de jogo não pode ser explicitada, pois ela só pode ser compreendida, de fato, em seu elemento, ou seja, enquanto experiência da linguagem. O que Riobaldo deseja com sua narrativa é um convite à experiência poética que possibilitaria conhecimento e autoconhecimento e, desta forma, transformação, tema que atravessa *Grande sertão: veredas*.

A experiência da linguagem, enquanto jogo, em *Grande sertão: veredas* se afirma como a experiência que não deseja ser objetivada, mas sentida, vivenciada. Ao narrar e ao se deparar com a realidade infundável, infinita que é o sertão, que é sempre outro e que é sempre o mesmo, Riobaldo se vê participante de um “jogo injogável”, isto é, que não se pode querer ou não jogar, mas no qual ele, desde sempre, já fora jogado, arremessado.

Ao nos depararmos, assim, com a busca insólita e ao mesmo tempo vivificadora que é a vivência do sertão para Riobaldo; ao percebermos o sentido de sua narrativa que não quer relatar apenas uma história passada, mas revigorá-la no movimento de sua fala como experiência finita e, ao mesmo tempo, em aberto, isto é, como possibilidade ainda de transformação, de uma existência ainda em curso, percebemos, também, que todo o jogo da linguagem a que nos referimos até o momento, todo o deixar ser, deixar que a linguagem se revele por ela mesma, que a linguagem seja, em sua narrativa,

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

uma linguagem mostrante, visto que movida pela força de uma poesia reflexiva, é possível, pois a fala de Riobaldo se dá na duração do tempo da poesia, isto é, o tempo do instante, que se revela, portanto, numa duração que se diferencia do tempo, tal como o entendemos habitualmente, enquanto sucessão de acontecimentos, situações. O instante da poesia é o tempo absoluto, substancial, no sentido de que não há antes, nem depois; o que há para a poesia é a plenitude buscada na finitude da existência humana e que, entretanto, é paradoxalmente, sem fim, incomensurável, no momento de sua duração.

Em seu livro *Infância e História*, Giorgio Agamben comenta sobre as várias concepções do tempo, desde a visão cristã do tempo, para a qual a idéia exata é a da linearidade, até a visão clássica, isto é, a idéia de que o tempo teria o movimento circular; Agamben retoma essas concepções para fazer uma crítica do instante e do contínuo.

Segundo ele, Aristóteles, em seu livro *Física* teria determinado a representação ocidental do tempo: “O tempo é assim definido por Aristóteles como número de movimento conforme o antes e o depois, e a sua continuidade é garantida pela sua divisão em instantes (τὸ νῦν, o agora) inextensos, análogos ao ponto geométrico (stigmé) (AGAMBEN, 2005, p. 113).

A crítica que faz o filósofo à idéia do instante e do contínuo se baseia no pensamento de Heidegger, que em seu livro *Carta sobre o Humanismo*, segundo ele, fará a mais radical crítica à concepção

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

do tempo pontual e contínuo, que não passaria de uma visão histórica vulgar, a que uma concepção ontológico-existencial deveria tomar lugar. À idéia do instante pontual se opõe a concepção do átimo da decisão autêntica, na qual, utilizando a linguagem do pensamento de Heidegger, o Ser-ai experimentaria a própria finitude, que se estenderia a cada vez desde o nascimento até a morte.

Portanto, Agamben percorre o pensamento de Heidegger, mas, também, dá um salto em direção a uma reflexão própria em torno da questão da temporalidade. Sua crítica, como dissemos, ao instante e ao contínuo parte de um antigo mito do ocidente: o mito do prazer. De acordo com o filósofo, Aristóteles teria se referido, em sua *Ética à Nicômacos*, ao prazer como algo que não se “desenrola em um espaço de tempo, mas é a cada instante um quê de inteiro e de completo” (*Idibidem*, p. 127). Ao lado desse mito, Agamben também se refere ao tempo da história não como uma sujeição do homem ao tempo linear contínuo, mas como liberação deste, isto é, ao tempo como os gregos entendiam, ao kairós: “em que a iniciativa do homem colhe a oportunidade favorável e decide no átimo a própria liberdade” (*Idibidem*, p. 128).

A decisão de Riobaldo por ser o mesmo e ao mesmo tempo, infinitamente, outro diante da incontornável finitude existencial é acolhida por um tempo certo, o tempo kairótico, ou por uma folga como já se disse; mas, também, decididamente, junto com tudo isso, pelo destino dos que não atravessam, simplesmente, as coisas, mas que por elas são atravessados e tomam para si, conseguem deter e,

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

em seguida, no tempo desmedido da poesia, doar através da palavra a experiência dessa mesma travessia: “Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada.” (ROSA, *op. cit.*, p. 26).

Na fala de Riobaldo o sertão se manifesta a cada instante. Daí as várias definições para o que vem a ser o sertão. Logo na primeira página, um jogo de hesitações, especulações em torno do lugar sertão “se divulga”. “O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima.” (*Idibidem*, p. 1).

É por ser privilegiada pelo instante que a fala de Riobaldo revela um sertão que é mais sertão do que qualquer definição geográfica, física. O sertão para Riobaldo é experiência que se situa anterior a qualquer classificação científica ou a qualquer período histórico, temporal; ele é a experiência do princípio do princípio, de um tempo originário: o tempo da poesia, que por escapar à sucessão dos acontecimentos é profundamente ligado à história, já que é um presente potencial, ou “o sempre presente” (PAZ, 1990, p. 54).

Sendo assim, o sertão como realidade histórica e geográfica existe e a poesia não nega essa dimensão, pelo contrário, necessita dela, mas, ao mesmo tempo, o sertão de Riobaldo, por exemplo, esse sertão que se pronuncia através de sua fala poética, é um sertão que transcende a história, pois vive no tempo dos arquétipos, realidade

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

impossível de classificar, de delimitar, tempo do absoluto, em que o poeta deseja apenas deter o instante já.

Em certa entrevista, o poeta Ferreira Gullar assim se refere ao instante da poesia: “A poesia é a reflexão sobre o instante, sobre o momento. Tem uma concretude que a filosofia, ao fazer concessão à coerência, não tem. Na poesia o que é, é”². E ainda, ao referir-se ao tempo presente, afirma ser esse o momento da plena realização, da verdadeira felicidade para o poeta.

A busca de Riobaldo por uma linguagem poética que dê conta do que viveu, por um modo de narrar que escape às histórias de guerra, simplesmente, ou seja, que não tenha o compromisso de contar acontecimentos é movida pela força da intuição presente na narrativa de *Grande sertão: veredas*. Assim, a sua insistência em afirmar que não detêm nenhum saber, ou que o que narra, o sertão, é matéria que ele, a princípio, não sabe; que ninguém sabe. Esse saber a que se refere Riobaldo é o saber científico, que busca certezas, respostas, e que procura consolidar a existência humana através do conceito de evolução, para o qual o instante pouco importa.

A intuição é movida, por sua vez, pelo que Bergson chama de potência de negação, que seria uma espécie de hesitação; uma desconfiança que não se sabe bem o motivo, ou certa idéia ainda confusa que se sobrepõe ao pensamento vigente em torno de uma questão, colocando esse mesmo pensamento em suspenso. Essa mesma desconfiança permite que cada coisa possa se dar no instante,

² GULLAR, Ferreira. Entrevista concedida a Arnaldo Bloch. O Globo.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

no qual a existência humana em sua finitude pode exercer, ao mesmo tempo, o sentimento de realização no tempo que é infundável.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. *Le langage et la mort*. Paris: Christian Bourgois, 1997.

BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Memória e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Duração e simultaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GULLAR, Ferreira. “Entrevista concedida a Arnaldo Bloch”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 12 ago. 2006. (Prosa & verso, p. 2).

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LINS, Vera. “Novalis, negatividade e utopia”. **In:** *Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano IX, n.º 10, 2004.

NOVALIS. *Pólen*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. *El arco y la lira*. México: FCE, 1972.

PUCHEU, Alberto. “Platão e as questões da arte: a poesia e seus entornos interventivos”. **In:** *A arte em questão: as questões da arte*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

_____. *Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Wittgenstein, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2005.